



**INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**ZILDA MONTEIRO**

**MULHERES E A MÚSICA NA SOCIEDADE GUINEENSE**

**ACARAPE-CE**

**2023**

**ZILDA MONTEIRO**

**MULHERES E A MÚSICA NA SOCIEDADE GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB- Campus de Acarape-CE.

**Orientador:** Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante

**ACARAPE-CE**

**2023**

**ZILDA MONTEIRO**

**MULHERES E A MÚSICA NA SOCIEDADE GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB- Campus de Acarape

Aprovado em 27 de janeiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador e Presidente: Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Examinadora: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Examinador: Mestranda. Medilanda Eliseu Amós Tubento Sanca Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## RESUMO

Na Guiné-Bissau, as mulheres têm demonstrado a sua bravura participando em todas as esferas da sociedade, desde os primeiros momentos da luta até aos dias atuais. No entanto não tem sido fácil. Observando essas dificuldades e com as experiencias pessoais elaborou-se o projeto com o seguinte tema **Mulheres e a Música na sociedade guineense**, objetiva-se, por meio dele, analisar as percepções de cantoras guineenses, de diferentes gerações, sobre a participação feminina na música na Guiné-Bissau, para fundamentação desse projeto embasou-se nos autores: M'BUNDE (2018), que contextualizou historicamente os períodos que marcaram a Guiné-Bissau, SILVA (2019), que aborda sobre a desigualdade de gênero na política guineense, e a NOGUEIRA (2004), que fundamenta que a música é uma das artes que não tem fronteiras, no que concerne a metodologia optou-se por uma pesquisa bibliográfica subsidiado por uma abordagem qualitativa e uma pesquisa do campo, a partir da qual se fará a entrevista narrativa.

**Palavras chave:** Guiné-Bissau; Mulheres; Música; Musicalidade e Cultura.

#### ABSTRACT

In Guinea-Bissau, women demonstrated their bravery by participating in all spheres of society, from the first moments of the independence struggle until nowadays. However, it hasn't been easy. Observing these difficulties and with personal experiences, the project was elaborated with the following theme **Women and Music in Guinean society**, the objective is, through it, to analyze the perceptions of Guinean singers, from different generations, about female participation in music in Guinea-Bissau, this project was based on the following authors: M'BUNDE (2018), who historically contextualized the periods that marked Guinea-Bissau, SILVA (2019), who addresses gender inequality in Guinean political society, and NOGUEIRA (2004), which argues that music is one of the arts that has no borders, with regard to methodology, a bibliographical research was chosen, based on a qualitative approach and field research, from which the narrative interview will be realized.

**Keywords:** Guiné-Bissau; Woman; Music Musicality and Culture.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO-----	06
OBJETIVOS-----	10
<b>Objetivo geral</b> -----	10
<b>Objetivos específicos</b> -----	10
JUSTIFICATIVA-----	11
REFERENCIAL TEÓRICO-----	14
METODOLOGIA -----	23
CRONOGRAMA-----	24
REFERÊNCIAS-----	25

## 1 APRESENTAÇÃO

O presente projeto nasceu do interesse pela música como sendo uma das formas de manifestação cultural, pela qual pode-se expressar diversos sentimentos, construir críticas e fazer denúncias sobre diferentes acontecimentos quotidianos de uma determinada sociedade. A relação entre o ser humano e a música se constitui há muito tempo, e vem se transformando conforme os contextos históricos e culturais de quem a vive. Neste sentido, o foco principal desta proposta de pesquisa envolve a seguinte questão: Quais são as percepções de cantoras guineenses, de diferentes gerações, sobre a participação feminina na música na Guiné-Bissau?

Para isso, é importante expor que Guiné-Bissau é um país africano banhado pelo oceano atlântico, “o território guineense faz fronteira, ao norte pelo Senegal, e a leste e sudeste com a República da Guiné-Conakry, e ao sul e oeste com o Oceano Atlântico”. Com a superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>, constituída por uma ampla diversidade étnica e cultural. A cultura da Guiné-Bissau é diversificada tanto no aspecto linguístico como também no aspecto musical. A Guiné-Bissau conquistou a sua independência em 24 de setembro 1973 em Madina de Boé, (SEMEDO, 2010. p. 52).

Colonizado por Portugal, “a Guiné-Bissau passou a adotar a língua portuguesa como língua oficial em detrimento das línguas dos povos locais e língua crioula”. É pertinente destacar que, a língua crioula é a língua franca, o símbolo da unidade do povo guineense, ou seja, é a língua pela qual a maior parte da população se entende e interage. No que diz respeito à questão religiosa, a Guiné-Bissau é um país laico, ou seja, todos cidadãos guineenses têm liberdade de praticarem suas crenças e religiões dentro do país, (SILVA, 2019. p. 6).

Dessa forma, a música teve um papel importante no processo de luta pela independência da Guiné-Bissau e a composição musical daquela época foi sempre feita em línguas locais, de modo a impulsionar e valorizar aprendizagens das línguas étnicas e do crioulo, com o objetivo de promover a identidade nacional. Servia também como forma de comunicação entre os combatentes e a população, sem que os colonos compreendessem, como afirma TÉ, (2016). Nas suas próprias palavras, o autor salienta que:

Nessa fase, Cabral incentivou as pessoas a falarem as suas línguas nativas e a esforçarem para aprender o máximo que pudessem a língua dos outros grupos étnicos, propondo que, para que existisse a unidade nacional, era preciso que cada um aprendesse no mínimo uma língua do outro, facilitando a comunicação entre os combatentes guineenses, sem que os portugueses pudessem ter acesso a essa comunicação, (TÉ, 2016, p.58).

Isso mostra o quão Amílcar Cabral valorizava e apreciava a diversidade linguística e se preocupava com a promoção da cultura, que muitas das vezes serviam e ainda servem de inspiração para musicistas. A partir dessa visão, ele incluía diversas etnias, com suas manifestações culturais que visavam a contação de histórias, danças e apresentações musicais, nas quais destacam-se as participações e as contribuições das mulheres nas referidas práticas.

Historicamente, segundo Patrícia Gomes (2016), ” as mulheres insurgiram-se ao lado dos homens desde os tempos da resistência à conquista colonial e também durante a luta pela independência”, atuando em diversas áreas como por exemplo: as que na altura exerciam cargos políticos, as enfermeiras que se dedicavam aos cuidados dos feridos, cozinheiras e as que ajudavam na locomoção das armas. Nesta altura, as mulheres produziam músicas junto dos homens com o objetivo de passar informações aos combatentes e a população da antiga Guiné-Portuguesa (GOMES, 2016, p. 125-126).

Algumas delas estavam na linha de frente do combate junto dos homens durante a luta armada, entre as quais se destaca a Heroína Nacional, Ernestina Silá (Titina Silá), que segundo Roque (2021) “é a única mulher à qual foi atribuída a designação de Heroína Nacional e é a única mulher sepultada no espaço dedicado aos Heróis Nacionais, junto do mausoléu de Amílcar Cabral”, a data da sua morte (30 de janeiro de 1973) é celebrada como dia de mulher guineense, em homenagem a sua morte (ROQUE, 2021. p. 280).

Dentro do contexto laboral, as mulheres guineenses são as principais protagonistas do mercado informal. Para Cátia Lopes (2011), o trabalho informal realizado pelas mulheres tem contribuído para o crescimento da economia e desenvolvimento do país nos últimos anos. Além disso, esse mercado contribui massivamente na sobrevivência e manutenção das famílias no que diz respeito à alimentação, educação e saúde. Como salienta (LOPES, 2011, p. 30)

As mulheres estão menos inseridas e envolvidas nos circuitos económicos formais e normalmente enveredam ou pelos empregos informais, ou por aqueles mal remunerados. Desempenham um papel fundamental na tradição familiar, uma vez que são responsáveis pela família e gestão da casa, educação dos filhos e maioritariamente (principalmente nas zonas rurais) executoras de actividades económicas, tais como a agricultura ou a pesca. Desta forma, são simultaneamente agentes de educação e agentes económicos, ( LOPES, 2011, p. 30).

Já, para o cenário musical, não se aplica, porque são pouquíssimas mulheres que atuam profissionalmente na música. Ou seja, pode-se perceber que a maioria delas não conseguem viver exclusivamente da música devido à falta de promoção e de políticas públicas destinadas ao setor cultural guineense. Desta forma, muitas mulheres engajam-se nesse ramo sem qualquer



apoio do governo guineense e são motivadas a exercerem esta profissão unicamente pelo dom e o amor à cultura, seja em grupos culturais, ou de forma individual. Assim, no desenvolvimento deste projeto de pesquisa e na trajetória das leituras, em especial no trabalho de Epifania da Silva (2019, p. 5), é possível perceber que a questão da desigualdade de gênero é inraizada na Guiné-Bissau, então, esta disparidade entre homens e mulheres não deixa de ser algo presente na Guiné-Bissau. Isso é percebido, por exemplo, através da pouca participação das mulheres em cargos políticos, governamentais, sociais, culturais, econômicos e religiosos. De igual modo, percebemos que a desigualdade entre homens e mulheres continua presente na sociedade guineense, inclusive no contexto musical no país.

Assim sendo, é muito pertinente apontar que o foco deste projeto se centraliza nas percepções de cantoras guineenses, de diferentes gerações, sobre a participação feminina na música na Guiné-Bissau. Mulheres cantoras com faixas etárias diversas e que experienciaram épocas, situações distintas, que marcam também de modo geracional seu olhar em relação à música no país. Dessa maneira, como foi dito, a desigualdade de gênero se faz presente em quase todas as áreas da sociedade guineense, por isso, é de suma importância construir um conhecimento sobre as trajetórias de cantoras guineenses, das suas vivências geracionais que podem trazer particularidades da presença das mulheres na música.

Nesse sentido, o projeto objetiva apontar as seguintes cantoras como possíveis entrevistadas: Dulce Neves, Eneida Marta, Karina Gomes e MC Lady. Estas iniciaram e desenvolveram suas carreiras musicais em épocas e cenários sociais diferentes, como se pode ver nas linhas abaixo.

Dulce Neves, nos anos 70, iniciou sua carreira artística, integrando-se no grupo de teatro Afro-City aos 15 anos de idade, e em 1976, ingressou no grupo musical revolucionário Super Mama Djombo, alavancando sua carreira musical, tornando assim a primeira mulher guineense a fazer a carreira como cantora. Em 1980, iniciou carreira solo. Em 1985, foi a vencedora do prêmio *Prix du president de Mali*. Gravou seu primeiro álbum intitulado *Nha Distino* no ano 1996, a sua música perpassa a sua geração. No ano 2000, foi nomeada como a embaixadora de música moderna guineense pelo presidente Kumba Yalá<sup>1</sup>.

Depois dela vem Eneida Marta, que ficou conhecida mundialmente por ter participado no grande evento musical *World Music*<sup>2</sup> em 2008 com seu terceiro trabalho discográfico intitulado *Lope Kai*, disco esse que a ajudou a chegar em grandes palcos e também a fazer

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/page/1006217209532855/search/?q=biografia%20de%20dulce%20neves>

<sup>2</sup> música do mundo refere-se a música tradicional de uma cultura criada e tocada por músicos relacionados a essa cultura, em outras palavras, é termo que transcende gênero musicais e classificações e está cada vez mais presente na música contemporânea.

grandes concertos em diferentes países<sup>3</sup>.

Já Karina Gomes, iniciou sua carreira musical no ano de 1997, no Brasil, cantando músicas *gospel*. No ano de 2006, ela participou do festival do CPLP, que foi realizado em Bissau (Guiné-Bissau), também foi uma das integrantes do grupo musical revolucionário Super Mama Djombo, em 2007<sup>4</sup>.

Por fim, a MC Lady iniciou sua carreira solo em 2013 na Guiné-Bissau, é a mais nova dentre as quatro cantoras e é a única que canta *Hip Hop*<sup>5</sup>, por isso, é muito conhecida pela camada juvenil guineense.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/736342-mes-da-mulher-eneida-marta/>

<sup>4</sup> Informação encontrada em: <https://www.last.fm/pt/music/Karyna+Gomes/+wiki>

<sup>5</sup> movimento cultural da juventude pobre de algumas das grandes cidades norte-americanas que se manifesta de formas artísticas variadas (dança, *rap*, grafites etc.)

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

- Analisar as percepções de cantoras guineenses, de diferentes gerações, sobre a participação feminina na música na Guiné-Bissau.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Conhecer suas trajetórias, experiências e desafios enfrentados por essas cantoras no cenário da música;
- Identificar as particularidades das percepções geracionais de ser mulher cantora na sociedade Bissau-guineense;
- Entender a partir dessas gerações, as contribuições da camada feminina guineense em prol do desenvolvimento da cultura musical na Guiné-Bissau.

### 3 JUSTIFICATIVA

A curiosidade em pesquisar sobre o tema: Mulheres e a música na sociedade guineense surgiu a partir das discussões realizadas em sala de aula, durante a realização do componente curricular: Educação e Literatura Negra: Potencialidades pedagógicas em narrativas, mitos, fábulas e contos africanos e afro-brasileiro, ministrada pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jacqueline da Silva Costa, no semestre.2019.2, da UNILAB, em que foram discutidas as pautas voltadas à desigualdade de gênero e questões raciais.

No decorrer dessas discussões, foram abordadas as questões relacionadas à vida sofrida das mulheres negras, afrodescendentes e afro-brasileiras, onde as autoras em que foram respaldadas nossas discussões, narraram as histórias de vida de outras mulheres, como, também, as suas próprias histórias, como, por exemplo: a história da escritora Paulina Chiziane, moçambicana, que traz em uma das suas obras intitulado *Eu mulher... por umavisão do mundo*.

Na referida obra, a autora realça as questões inerentes às desigualdades e opressões sofridas pelas mulheres na sociedade moçambicana. A mesma realidade se verifica em diferentes partes do mundo, inclusive na Guiné-Bissau, em que o tratamento é diferenciado entre meninas e meninos. Desde a infância, as meninas são submetidas às tarefas domésticas, com intuito de, futuramente, cuidar de casa e da família, o próprio incentivo em relação a dedicação aos estudos é pouco verificado, enquanto que os meninos são ensinados e incentivados a estudar, jogar bola e brincar com os amigos, ou seja, aprendem que o trabalho doméstico é um desempenho dedicado exclusivamente à camada feminina.

Para Gomes (2015, p. 169), “as sociedades que compõem o povo guineense possuem construções que contribuem e reforçam este aspecto da mulher vista como inferior aos homens quase em todos os aspectos”. Portanto, a educação e a estrutura familiar guineense contribuem de uma forma significativa para o avanço destas práticas que, de alguma forma, oprimem as meninas desde cedo, seja feita de forma consciente ou não consciente.

Segundo Freire (1979, p. 31) “não é que os oprimidos não tenham consciência de que são pisados. Mas o estar imerso na realidade opressiva impede-lhes uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos”. Este argumento de Paulo Freire demonstra que, apesar das criações das leis que aparentemente objetivam garantir a igualdade entre homens e mulheres,

ainda a sociedade está distante de cumprir rigorosamente com esses objetivos. Assim sendo, as mulheres continuam enfrentando muitos desafios na luta pelos seus direitos e na ocupação de cargos em que são tomadas as decisões importantes na sociedade.

Os pontos de vista dos autores e da história contada pela Paulina Chiziane, chamaram-me bastante atenção e ao mesmo tempo me deixaram muito intrigada. Sendo assim, resolvi fazer uma analogia no que se refere a vida das mulheres guineenses, especificamente no campo da música. Academicamente, percebe-se que há muitos trabalhos produzidos para afirmar o direito à emancipação feminina, ou denunciando práticas contra a misoginia, a subalternização entre outros problemas que afetam as mulheres. Este trabalho pretende, portanto, reforçar essas discussões, especificamente no setor musical na Guiné-Bissau, permitindo que as próprias cantoras falem de si, relatando suas experiências, trajetórias, desafios e contribuições na sociedade guineense.

Como mulher Bissau-guineense e cantora gospel de nova geração, tenho experimentado e ainda experimento muitas dificuldades em relação a minha carreira artística, tais como: falta de apoio familiar, em que já escutei frases como estas: “sendo mulher, você não vai conseguir ter sucesso na música”, “você daria bem lecionando e cuidando de casa”. Frases proferidas pelos meus próprios familiares, ou seja, no lugar em que deveria receber apoio e incentivo, acabei recebendo palavras desmotivadoras.

Então, do ponto de vista pessoal, elaborar um projeto de viés artístico musical se faz importante pela paixão que tenho pela música. Desde a minha infância, me envolvi com a música na igreja, participei de vários projetos de gravação, de bandas e de grupo de louvor da minha igreja na Guiné-Bissau concretamente, e também aqui no Brasil, na igreja onde me congrego, faço parte do ministério de louvor. Trabalhar algo ligado à música é sempre prazeroso e extremamente especial para mim.

No âmbito acadêmico, acredita-se que esta pesquisa se faz importante pelo fato de existirem pouquíssimos trabalhos científicos, com especificidade na música guineense em relação às vozes femininas. Considera-se pertinente ouvir e aprender a partir de quem vivenciou uma determinada história. Pois a depender de quem se propôs a narrar um fato, as ilações e aprendizados que delas podem ser tiradas podem ser uma ou outra, ou seja, podem variar. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível procurar conhecer sobre a realidade das mulheres na Guiné-Bissau, em específico em relação à música.

No que concerne a contribuição acadêmica, esse trabalho se faz importante, porque contribui possivelmente no que concerne a chamada de atenção do Estado guineense sobre a importância do investimento para a expansão da música guineense, como sendo um dos instrumentos de propagação da cultura do país e de expressão das pessoas que nele vivem. Por outro lado, o trabalho contribuirá para o despertar de outros/as pesquisadores/as sobre a participação feminina na música guineense.

Outra possível contribuição do Bacharelado em Humanidades com relação ao trabalho é a seguinte: o curso serviu de ponte para a ligação entre o conhecimento adquirido e as experiências agregadas, que foram impulsionados através das leituras e discussões realizadas durante o meu percurso como discente, ademais, o curso colaborou na construção da minha consciência crítica em diversas áreas do saber, inclusive no que diz respeito aos desafios enfrentados pelas mulheres em diferentes contextos, sobretudo as mulheres guineenses no tocante a música.

No que tange à interdisciplinaridade, característica central do BHU, sobre a temática, compreende-se que os fenômenos sociais se relacionam entre si, por exemplo, a música é um fenômeno sociocultural que se manifesta através da língua, é afetada pelos aspectos históricos dos sujeitos que constituem esse período, nesse sentido relacionamos os aspectos sociais, históricos, culturais, linguísticos atrelados à música. Na verdade, nenhum fenômeno social é fechado em si. Por isso, é necessário dialogar com áreas afins para a sua compreensão. É nesta perspectiva que se vê a importância da interdisciplinaridade.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é um dos componentes do trabalho que nos possibilita articular de forma enfatizada as teorias pelas quais embasam o projeto com a finalidade de alcançar os objetivos traçados. Dessa forma, têm-se os três seguintes subtópicos: Breve contextualização histórica da Guiné-Bissau, Desigualdade de gênero na política na Guiné-Bissau e Música e a musicalidade guineense.

A primeira seção objetiva contextualizar a Guiné-Bissau no ponto de vista histórico, a segunda aborda a representatividade das mulheres nos cargos de grande importância no país, seus percentuais nas I, II e a III legislaturas e o impacto disso sobre a desigualdade de gênero na sociedade guineense. E por fim a última seção propõe a discussão sobre o conceito de Música e musicalidade na Guiné-Bissau, dialogando com autores que abordam essa temática. Trazendo para a discussão as trajetórias e biografias das cantoras propostas para possíveis entrevistas, sobre suas trajetórias, buscando pontuar a participação da camada feminina nos assuntos ligados à música na Guiné-Bissau.

### 4.1 Breve Contextualização Histórica da Guiné-Bissau

Costuma-se dividir os períodos da história moderna do território conhecido como Guiné-Bissau em, no mínimo, três fases, antes, durante e pós independência, dentro de cada época, pode-se perceber configurações diferentes. O período antes da independência é caracterizado, de modo geral, pela forte manifestação política e cultural africana, sob moldes de governação imperial de Mali, que se estendeu até a Guiné-Bissau (MBUNDE, 2018).

O período durante a independência, é marcado pelo jugo colonial português, que em grande medida, subjugou a cosmovisão africana, inclusive a dos povos da Guiné-Bissau. Pós independência é marcado pela utopia do rápido desenvolvimento, a promessa da democracia garantindo a dignidade e resolvendo os conflitos internos.

Depois da conquista da independência, segundo (PARALTA, 2018):

a República guineense conheceu seu primeiro golpe de Estado, do grupo conhecido como “Movimento Reajustador” de 14 de novembro de 1980, liderado pelo General João Bernardo Nino Vieira, primeiro-ministro do governo que derrubou o chefe de Estado presidente da República Luis Cabral, (PARALTA, 2018. P. 91).

Desde então, o cenário político foi marcado por golpes sucessivos; disputas políticas sem nenhuma consideração à constituição, e assassinatos de vários líderes políticos.

Reforçando esta tese, (Costa, 2019, p. 21) salienta que ‘‘ O golpe do Estado de 14 de novembro de 1980 foi o pontapé de saída para a instabilidade política, enquanto que os vários outros golpes posteriores e assassinatos criaram ódios na sociedade’’, e isso resultou-se na instabilidade política e democrática, que por sua vez, contribuíram para a fragilidade econômica da Guiné-Bissau. Para este autor, o país vem enfrentando dificuldade no que concerne ao investimento nas diversas áreas, tais como: culturais, econômicas e sociais. A falta de recursos afetou o desenvolvimento do país, e a música, por sua vez, não ficou isentada referida crise.

Apesar de não ser o foco principal deste trabalho, achamos pertinente falar um pouco sobre a cultura e a língua, porque são fatores intrinsecamente ligados e indissociáveis, ou seja, não existe cultura sem língua. Nesse sentido, a língua é um dos meios pelos quais a música e outras linguagens artísticas se manifestam e contribuem para a expansão da cultura. Na era colonial, as músicas cantadas em crioulo e em línguas étnicas, ajudavam a passar informações dos combatentes para a população, sem que os colonizadores entendessem as mensagens passadas.

Sendo assim, é de suma importância a preservação e promoção da música, como sendo um dos importantes fatores de construção da identidade de um povo, como prometido na constituição da república da Guiné-Bissau (CRGB), no seu **Artigo 17**, de que:

O imperativo fundamental do Estado é criar e promover condições favoráveis à preservação da identidade cultural, como suporte da consciência e dignidade nacional e fator de estímulo ao desenvolvimento harmonioso da sociedade. O Estado preserva e defende o patrimônio cultural do povo, cuja promoção deve servir ao progresso e à proteção da dignidade humana, (CRGB, 2012. P. 12)

Porém, no contexto da Guiné-Bissau, no que se refere ao investimento e expansão cultural, percebe-se pouco interesse e participação do Estado, inclusive no setor musical, ou seja, a música não escapa da carência de atenção estatal. Para Silva (2019, p. 24), na fala de um dos músicos entrevistados em 2019, Ramiro Naka (Rey d Ngumbe), afirma que:

ser músico na Guiné-Bissau não é tão fácil num país onde a prioridade é sobreviver. E ser músico sempre era considerado de banditismo, Porque as pessoas não olhavam a música como uma profissão. Na Guiné, os músicos sempre são visto no segundo plano porque os governantes não nos valorizam, e o mercado é precário onde o salário não chega para comer e muito menos para comprar um disco ou pagar um show. Portanto, para ser músico na Guiné é preciso ter coragem e esforço, porque todo investimento sai do seu próprio bolso.

Esta ausência de atenção, na maioria das vezes, faz com que os próprios músicos tirassem dos seus próprios bolsos para representar a nação guineense (Bissau) no exterior, ou



contar com o apoio das ONGs e empresários. De certa forma, isso interfere nas trajetórias dos/as cantores/as Bissau-guineenses em geral.

Numa entrevista concedida ao programa radiofónico intitulado *noite jovem* da Rádio Jovem, a Eneida Marta, salienta que “[...]o Estado da Guiné-Bissau não conta com a cultura como prioridade [...]”<sup>6</sup>, uma posição reforçada, também, por Dulce Neves numa entrevista cedida ao programa televisivo *Cultura i no Balur* de televisão da república da Guiné-Bissau (TGB)<sup>7</sup>. Estas duas afirmações revelam a fragilidade das políticas públicas voltadas à cultura guineense de modo geral, e em especial a área da música.

O setor educativo guineense poderia contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da Cultura e das artes na Guiné-Bissau. Os dados apontam que existe uma Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), que define o enquadramento geral do sistema educativo da Guiné-Bissau, que foi elaborada pelo Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desporto da Guiné-Bissau em 2010, através do decreto da Assembleia Nacional Popular (ANP), nos termos do seu artigo 85.º, n.º 1, c) da Constituição, que incentiva o ensino artístico e musical no Ensino Básico, num dos seus Objetivos específicos. (LBSE, 2010):

A 3.ª fase intenta forjar no aluno um conjunto de conhecimentos constituído pela formação pessoal e social, que pode abarcar a educação sexual e reprodutiva, educação sanitária, educação ambiental e do consumidor, pela formação física e desportiva, de direitos humanos, cívica, artística e musical, científica e tecnológica e apta a despertar nele uma atitude crítica e criativa face a dados recebidos, assim como a permitir-lhe continuar a sua formação, (LBSE, 2010, p. 7).

Com base nessa informação, percebe-se que existe lei do Estado da Guiné-Bissau, que prescreve a formação artística e musical no Ensino Básico, porém, é notório que este instrumento legal tem a validade apenas no papel e não é cumprida na prática.

Além disso, o cenário musical guineense é majoritariamente dominado pelos homens, esta disparidade é uma questão histórica que se verifica em diferentes áreas: política, economia, cultural e entre outras. Apesar da Constituição da República da Guiné-Bissau, (2012, p. 15) em seus artigos 24 e 25 ter garantido a igualdade de direitos entre homens e mulheres, afirmando no artigo 24, que “todos os cidadãos são iguais perante a lei, gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos aos mesmos deveres, sem distinção de raça, sexo, nível social, intelectual ou cultural, crença religiosa ou convicção filosófica”. E no artigo 25, que “o homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica e cultural”. Ainda,

---

<sup>6</sup> Para mais informações sobre a entrevista encontra-se em: <https://www.youtube.com/watch?v=raYxyBJIh-U>

<sup>7</sup> Entrevista disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yi-bOLbf\\_hY](https://www.youtube.com/watch?v=yi-bOLbf_hY)

constata-se descompasso entre as leis e a realidade. Como mostra os dados da Assembleia Nacional Popular (ANP).

Apesar da escassez dos dados recentes, vimos, a partir dos dados fornecidos pela Assembleia Nacional Popular, falta de equivalência entre a representatividade masculina e feminina, assim sendo, a descrição se concentra nos anos de 1973-2008, segundo o trabalho de Assunção (2018, p. 47) denominado “*Representação Política das Mulheres na Guiné-Bissau*” enfatiza que, na legislatura do ano de 1973 a 1976, os homens apresentaram a maior representatividade ocupando os 110 assentos no parlamento, enquanto as mulheres ocuparam apenas 10 assentos. Em 1976 - 1984, os homens novamente tiveram a maior percentagem que as mulheres, ocupando 131 assentos e as mulheres tiveram 19 assentos. Na legislatura de 1984-1989 o cenário foi o mesmo, homens passaram na frente com 128 lugares no parlamento e as mulheres ocuparam 22. A partir de 1989-1994, se verifica novamente o contraste entre os assentos, em que os homens ficaram com 120 e as mulheres com apenas 30. Entre 1994- 1999, não se faz diferente, observa-se a mesma incompatibilidade entre os dados: homens marcaram 91 assentos parlamentares e as mulheres, apenas 9. De 1999- 2004, o número de homens na assembleia subiu para 95 e o de mulheres diminuiu para 7. Por fim, entre 2004-2008, o descompasso entre os números repetiu, a representatividade das mulheres foi de 13 e a dos homens de 87 assentos parlamentares, (ASSUNÇÃO, 2018, p. 47).

Esta realidade revela forte herança do patriarcado presente na sociedade guineense, na qual o homem é visto como o mais capacitado. Isto é visível facilmente na formação dos partidos políticos, que, na maioria das vezes, são liderados pelos homens. Os efeitos do patriarcalismo deixaram marcas, percebidas através dos padrões culturais, que contribuem na exclusão e subestimação das meninas. Desde a instituição do regime democrática na Guiné-Bissau a mulher nunca foi eleita como Presidente da República. Na história da política guineense, a única mulher que assumiu a presidência da República por alguns dias foi Carmen Pereira, em 1984, como presidente em exercício<sup>8</sup>.

Os dados e a história em geral, nos serviram de base para enxergar o quão o gênero feminino é visto com um olhar pejorativo, em quase todas as esferas, e no âmbito musical a situação não se defere.

Nos últimos anos, as discussões sobre a emancipação e o empoderamento das mulheres têm ganhado muitos espaços através das vozes femininas assim também, pelas vozes masculinas que se identificam e acham necessário a afirmação desta luta. Gomes (2016) reparou

---

<sup>8</sup> Informação encontra na página de DW África. Disponível em: <https://abrir.link/cStIo>.

que “A necessidade de escutar as vozes ocultas da História contemporânea da Guiné-Bissau, mas, acima de tudo, vozes femininas protagonistas dos processos emancipatórios” (GOMES, 2016, p. 123).

Visto que as mulheres constituem alicerces da construção da identidade guineense, suas participações no processo de luta pela independência do país foram muito importantes. Apesar disso, existe ainda uma parte da sociedade propensa a enxergar mulheres como fracas, incapazes de assumir um lugar de destaque. Sendo assim, a autora nos chama atenção no que diz respeito à necessidade de as vozes femininas silenciadas historicamente serem ouvidas e a música constitui um dos principais elementos desta audiência.

Patrícia Alexandre G. Gomes (2016, p. 133) revelou que numa entrevista, Ana Lopes, salientou que “as mulheres trabalham muito e quando chega a hora de atribuir cargos político e de responsabilidade a nível do Estado, chamam sempre os homens para ocupar” isso nos mostra o quão presente o patriarcalismo e machismo na sociedade guineense. Esse tipo de atitude, não é vista somente no contexto político, mas também na esfera musical, tais comportamentos afetam as mulheres que atuam na esfera artístico-musical. No entanto, essas mulheres não são valorizadas pelas suas capacidades ou competência.

Segundo Cabral (*apud* Gomes, 2016 p. 126), “a nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres”. E os percursos das mulheres de diferentes gerações que marcaram a cultura guineense, as dificuldades enfrentadas para que houvesse a participação feminina na música na Guiné-Bissau, uma afirmação sustentada também por Dulce Neves durante uma entrevista no programa televisivo da Televisão da República da Guiné-Bissau (TGB, 2020)<sup>9</sup>.

## **4.2 Desigualdade de Gênero na Política na Guiné-Bissau**

Para Epifania Alcides da Silva (2019) a desigualdade de gênero não é uma coisa inventada recentemente, que se verifica só na fase adulta, mas, sim, ela é verificada e vivenciada desde a fase infantil. A autora ainda salienta que: “a questão relacionada à desigualdade de gênero, no seio político na Guiné-Bissau, onde apresenta a sua inquietação, relacionado a pouca representatividade feminina no parlamento,

[...], a desigualdade de gênero se expressa através de estereótipos e preconceitos transmitidos entre gerações e de práticas discriminatórias que os levam a desfrutar de diferentes oportunidades. Todas essas diferenças são

---

<sup>9</sup> Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fq42ryH1SXs>

construídas com base nos princípios de que as pessoas são ensinadas desde criança que a mulher tem que servir o homem, (SILVA, 2019, p. 07).

Com base nesta afirmação, percebe-se que a mulher é descriminalizada e inferiorizada desde o seu nascimento, em vários casos, os familiares são incentivadores destas práticas, pelo menos na sociedade guineense, e não se faz diferente na música, constata-se que a influência exercida pelo patriarcalismo perdura até hoje. De acordo com GOMES (2016, p. 137) apesar dos dados das legislações comprovarem o aumento da participação da mulher na política, o número, ainda, é muito inferior se comparada a dos homens, como mostra os dados abaixo: da I legislatura (1973-1976), a II legislatura (1976-1984) e a III legislatura (1984-1989),

[...], em termos globais, tanto a nível do poder local como dos órgãos de poder representativo Assembleia Nacional Popular e Conselhos Regionais- as mulheres estiveram representadas, com percentagens mais ou menos baixas de acordo com as legislaturas e contextos sociopolíticos específicos que as acompanharam. Entre a Iª Legislatura (1973-1976) e a IIIª Legislatura (1984-1989), a presença de mulheres aumentou consideravelmente nos Conselhos Regionais, tendo passado de 8,6% na Iª Legislatura para 10,6% na IIª Legislatura e para 14,4% na IIIª Legislatura. Apesar de globalmente baixa e de se verificar sobretudo a nível das bases, os números mostram uma tendência para um aumento efetivo da participação política das mulheres na IIIª Legislatura. Por outro lado, na Assembleia Nacional Popular, no mesmo período, a sua presença oscilou entre os 15,8% na Iª Legislatura, os 11,3% na IIª Legislatura e os 14,6% na IIIª Legislatura. Comparativamente, a presença de mulheres aumentou mais a nível dos Conselhos Regionais do que no parlamento. Uma das possíveis leituras que se poderão fazer destes dados é a tendência a uma maior representação política das mulheres a nível das bases e uma menor presença em termos de funções de direção, o que de certa forma reproduz as práticas anteriores à independência. Entre as causas figuram o nível de instrução e de formação académica das mulheres no período considerado, bem como questões de ordem demográfica e ligadas à organização social das diferentes comunidades guineenses. Em termos do poder judicial (ou da administração da justiça), a presença de mulheres na III Legislatura (1984-1989) era de 14%, com variações de região para região, em alguns casos significativas, (GOMES, 2016, p. 137).

Ainda, de acordo com os dados acima descritos, podemos perceber que, apesar desse pequeno aumento, ainda se constata que, na maioria das vezes, as representações das mulheres só têm crescido nos cargos de suma subordinação, ou seja, nos conselhos regionais e não nos cargos de grande influência política, como, por exemplo: no parlamento onde são tomadas as importantes decisões do país. O que chamou a nossa atenção, mesmo com o crescente interesse e participação das mulheres no cenário político, raramente se concede a oportunidade a elas.

Este comportamento de segregação e marginalização é, muitas das vezes, reproduzido pelas próprias mulheres, o que acaba potencializando o patriarcalismo. No recenseamento geral da população e habitação (RGPH), realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), no ano de 2009 mostra que as mulheres representam a maior percentagem populacional guineense

tendo assim 51,4%, mas as próprias mulheres não votam para serem representadas pelas próprias, ou seja, preferem ser representadas pelos homens (INE, 2009, p. 23)

### 4.3 Música e a Musicalidade Guineense

Monique Andries Nogueira (2004, p. 23) afirma que “a música é uma linguagem universal que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço”. Sendo assim, podemos dizer que ela é um instrumento que não tem fronteiras, porém, o que muda ou a distingue de um país, um lugar, uma sociedade, é a forma como ela é usada num certo lugar ou território, isto é, as questões culturais. Na mesma ordem de ideia, Júlia Maria Hummes (2014, p. 17) afirma que,

A música está nos meios de comunicação, nos telefones convencionais e celulares, na Internet, vídeos, lojas, bares, nos alto-falantes, nos consultórios médicos, nos recreios escolares, em quase todos os locais em que estamos e em meios que utilizamos para nos comunicarmos, ou nos divertirmos, e também nos rituais de exaltação a determinadas entidades, enfim, nos eventos mais variados possíveis.

NOGUEIRA (2004, p. 1) salienta que, a “presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as culturas, em todas as épocas”. Sabe-se da importância que ela desempenha perante uma sociedade, por ser uma das manifestações culturais, por outro lado, pode-se dizer que é o cartão postal de um país. Além de ser uma linguagem pela qual se expressam as vivências de diferentes grupos e pessoas, as percepções e significados de suas experiências.

A partir disso, compreende-se que não podemos e não estamos distantes da música, pois ela está inserida em quase tudo que fazemos, e os povos guineenses também não são e nem estão isentos desse elemento cultural (Música), como relata o site Voz da Guiné-Bissau<sup>10</sup>, (2016).

A música está presente em todas as etapas da vida do guineense: nascimento, iniciação, casamento, trabalho, lazer, relação com Deus ou com o mundo dos espíritos e morte. Os gêneros musicais existentes correspondem a estes momentos. São cantigas infantis como as lenga-lengas e canções de embalar, cantigas de trabalho populares entre os pescadores, pastores e agricultores, cânticos rituais, de iniciação e profanos.

A Guiné-Bissau, é um país composto por várias etnias, para citar alguns: Balantas,

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://vozdaguine.com/musica-guine-bissau>. Acesso em 22-07-2022

Mandingas, Fulas, Pepeis, Bijagós, Manjacas, Mancanhas, Felupes, Nalus, dentre outros. Essas etnias povoam nas regiões e nas três províncias do país (norte, sul e leste). São compostas por grupos de pessoas que falam a mesma língua, tem a sua própria cultura, e têm as suas formas de utilizar a música. Então, a Guiné-Bissau abarca um mosaico de manifestação cultural onde a música é um dos que compõem estas manifestações. Cada etnia tem seus estilos musicais e danças que os representam, e também existem alguns estilos musicais que são reconhecidos em todo território guineense.

Neste sentido, percebe-se que, alguns estilos musicais do país são usados em cada atividade cultural, agrícola e nos ritos de passagem que é uma fase muito importante em algumas etnias<sup>11</sup>.

As evidências consideradas históricas revelam a pouca visibilidade da participação das mulheres na esfera musical moderna guineense, se comparada à participação masculina, contudo, as mulheres, em diferentes épocas e cenários sociais dedicaram-se à luta para conquistar os seus espaços na arena musical.

A Voz da Guiné-Bissau, ainda salienta que a mulher assume um papel de destaque e é a protagonista do estilo musical *Mandjuandad*<sup>12</sup> “As cantigas de mandjuandadi, o único estilo musical guineense em que a mulher marca realmente presença como autora, cantadeira e tocadora, ocupam um lugar de destaque na música tradicional e na música guineense em geral”

Eis, então, alguns nomes de mulheres cantoras guineenses que, dentro de diferentes contextos geracionais, destacaram-se a esfera musical, nomeadamente Dulce Neves, Eneida Marta, Karina Gomes e MC Lady.

Dulce Maria Vieira das Neves<sup>7</sup>, com o nome artístico Dulce Neves, nascida em 28 de janeiro de 1960, no setor de Mansoa, região de Oio, Guiné-Bissau. Recebeu o prémio RFI, “Prix Calão” em 1984. Em 1985 ganhou o prémio “Prix du president du Mali” o primeiro álbum “’nha distinu” foi lançado em 1996. No ano 2000, foi considerada como embaixadora da música moderna guineense, por meio de um decreto presidencial assinado pelo falecido Presidente da República, Koumba Yalá. E em 2001 gravou o álbum intitulado: “*balur di mindjer*”. Em 2009, fez o lançamento do álbum “*mundu rabida*”. Em 2016 realizou o lançamento do disco “*udjus di mininus*”. Foi premiada como melhor artista do ano 2016, pelo fórum guineense para pregação.

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis na página de Voz da Guiné-Bissau - <http://vozdaguine.com/musica-guine-bissau>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://vozdaguine.com/musica-guine-bissau>. Acesso em 11-02-2023

Eneida Marta<sup>13</sup> nasceu em 1973, pouco antes da independência da Guiné-Bissau, muito jovem foi morar em Portugal. Sempre sonhou em ser cantora, mas só aos 28 anos gravou seu primeiro disco intitulado *No stória*, em crioulo da Guiné-Bissau, (nossa história). Em 2002, lançou o seu primeiro álbum, em 2019, lançou seu novo trabalho intitulado Ibra, em homenagem ao músico Ibra Galissa.

Karyna Silva Gomes Serqueira, com o nome artístico Karyna Gomes, é uma cantora e compositora guineense que nasceu no dia 13 de fevereiro de 1976 em Bissau. Iniciou sua carreira artística em São Paulo- Brasil, onde estudava jornalismo, começou cantando música gospel no grupo Rejoining Mass Choir em 1997, mas a sua paixão pela música vem desde tenra idade. Em 2006, participou do festival da CPLP, realizado em Bissau, em 2007, recebeu convite de Adriano Ferreira (Atchutchi), para integrar o histórico e revolucionário grupo Super Mama Djombo e participou da gravação do último álbum da banda. Como assessora de imprensa, Karyna trabalhou em organizações importantes como UNICEF e SNV. Em 2011 decidiu deixar a comunicação para seguir seu sonho de ser cantora profissional. Em 2014, lançou o seu primeiro disco a solo intitulado "Mindjer" (mulher). No mesmo ano ganhou dois prêmios de melhor cantora na Guiné-Bissau. em novembro de 2018, Karyna realizou um grande concerto na Costa de Marfim, a fim de apoiar a escolarização das meninas naquele país da África<sup>14</sup>.

Laida Botihine Cól<sup>15</sup>, com o nome artístico MC Lady, nasceu no dia 12-02-1995, morou e cresceu no bairro de Bandim (zona 7), começou sua carreira musical no ano 2012-2013, ainda no ano 2013, houve um concurso de revelação de artista nova geração no estilo musical Hip Hop, tinham mais de 50 participantes, onde ela participou e saiu em segunda posição, o evento foi organizado pela A T- Marketing Eventos. Fazia parte de um grupo de rappers cujo o nome era Absalão, no entanto, após vencer o referido concurso, começou uma carreira solo gravou seu primeiro single solo intitulado Democracia, que a fez conhecida a nível nacional, onde foi convidada para tomar parte no festival de Bubaque, um dos setores do país, que costuma acontecer na comemoração de Páscoa, ela foi única voz feminina de nova geração a tomar parte nesse grande evento. Depois disso, continuou a investir mais na sua carreira musical, gravou alguns trabalhos, teve participações em várias músicas e concertos na cidade de Bissau como também no interior do país. No ano 2015 fez o seu concerto no espaço Lenox de bairro de ajuda.

Desse modo, percebe-se o entrelace das experiências pessoais de cada uma dessas

---

<sup>13</sup> Informação disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/736342-mes-da-mulher-eneida-marta/>

<sup>14</sup> Fonte: <https://www.last.fm/pt/music/Karyna+Gomes/+wiki>

<sup>15</sup> Informações fornecidas pela cantora, MC Lady, por intermédio de whatsapp.

cantoras com o seu contexto histórico e cultural, que tornam a música uma referência de práticas sociais, de inserção em espaços, acontecimentos e instituições.

## **5 METODOLOGIA**

Para a realização de um projeto, é necessário e indispensável ter a percepção do problema que envolve o trabalho científico, sendo assim, será necessário adotar um tipo de pesquisa. Neste caso, a abordagem metodológica será o caminho para chegar ao objetivo que se quer com a pesquisa. Assim sendo, será adotada a metodologia qualitativa e a pesquisa de campo. Adotaremos a abordagem qualitativa de acordo com a concepção de CAVALCANTE et al (2015), visto que esta metodologia proporcionará uma maior compreensão do que se pretende analisar, pois pretende-se um exercício de compreensão dos significados das experiências de mulheres cantoras guineenses produzidos por elas.

Segundo Gil (2008), a pesquisa do campo permite o maior aprofundamento do assunto que se pretende investigar e, ainda, permite maior flexibilidade. Na pesquisa do campo, o foco está na investigação de um grupo ou de uma comunidade, buscando fazer levantamento de dados. No que concerne ao delineamento, pretende-se adotar a pesquisa narrativa, por oferecer diversas facetas e possibilidades para o/a pesquisador/a de entendimento sobre as experiências das participantes.

Para Muylaert<sup>1</sup> et al (2014), a pesquisa ou entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida. A sua relevância consiste em possibilitar um entendimento maior ao pesquisador/a sobre a história e vivências de grupos de pessoas específicas. Para isso, é adotada esta abordagem enquanto caminho pelo qual serão atingidos os objetivos centrais deste trabalho, que passa necessariamente pela compreensão das percepções de cantoras guineenses sobre a participação feminina na música na Guiné-Bissau.

Acredita-se que através das narrativas das entrevistadas, sobre as suas experiências como cantoras, será possível conhecer as suas trajetórias, os aspectos geracionais e particulares que cada uma delas traz e que ajudam a pensar a participação feminina na música na Guiné-Bissau. Com base na perspectiva da pesquisa narrativa, as entrevistas serão realizadas com o propósito de incentivar as entrevistadas no sentido de narrarem as suas experiências e trajetórias.



No primeiro momento, pretende-se iniciar a pesquisa com a revisão bibliográfica. No segundo momento será feito o levantamento de materiais documentais dessas cantoras que tragam elementos sobre suas trajetórias e sobre os aspectos geracionais. No terceiro momento, será feita as entrevistas com as referidas mulheres cantoras: Dulce Neves; Eneida Marta; Karyna Gomes e MC Lady.

A princípio, esta pesquisa será feita de modo presencial, sendo possível realizá-la também de forma remota, porque com a exceção de MC Lady, as pessoas a serem entrevistadas não são residentes do Brasil. Nesse sentido, será feito o contato com entrevistadas por meio eletrônico (plataforma Google meet ou zoom) e das outras mídias sociais através de um texto escrito (convite por meio de e-mails).

Em relação às questões éticas de pesquisas, enviaremos termos de consentimento livre e de confidencialidade para gravação das entrevistas, ou seja, buscaremos agir de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa do Brasil.

### CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MÊSES / ANOS											
	Jun. 2023	Jul. 2023	Ago. 2023	Jan. 2024	Fev. 2024	Mar. 2024	Jun. 2024	Jul. 2024	Out. 2024	Nov. 2024	Dez. 2024	Jan. 2025
Leitura Bibliográfica	X	X	X									
Fichamento	X	X	X									
Pesquisa de Campo/ Entrevista				X	X	X	X					
Transcrição das Entrevistas				X	X	X	X					
Análise das Entrevistas					X	X	X	X				
Redação Final							X	X	X			
Revisão Final										X	X	X
Defesa ou Publicação												X

## REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Márcia Gomes. **Representação política das mulheres na Guiné-Bissau**. Tese de Doutorado apresentado no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2018.
- CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Estudo qualitativo sobre tentativas e ideações suicidas com 60 pessoas idosas brasileiras**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 1655-1666, 2015.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DA GUINÉ- BISSA**, reimpressão- INCEP. 2012
- COSTA, Paulo António da. **Instabilidade política na Guiné-Bissau: Dimensões, causas e efeitos**. 2019. Dissertação de mestrado apresentado no Instituto Universitário de Lisboa. 2019.
- FREIRE, Paulo, 1921 - **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6a ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Patricia Godinho. “As outras vozes”: **Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau**. *Odeere*, v. 1, n. 1, p. 121-145, 2016.
- GOMES, Patrícia Godinho. **O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar**. São Luís: Revista Outros Tempos, 2015.
- HUMMES, Júlia Maria. **Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola**. *Revista da ABEM*, v. 12, n. 11, 2014.
- INE -Guiné-Bissau. Instituto Nacional de Estatística. **Terceiro Recenseamento geral da população e habitação**. Bissau: INE, 2009.
- LOPES, Cátia Sofia Nobre. **O Papel Da Mulher No Microcrédito Na Guiné-Bissau: Estudo De Caso De Pitche E Pirada**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).
- M'BUNDE, Timóteo Saba. **As políticas externas brasileira e chinesa para Guiné-Bissau em abordagem comparada (1974-2014)**. Grama, 2018.
- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, p. 184-189, 2014.
- NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996, 2006.
- NOGUEIRA, Monique Andries. **A música e o desenvolvimento da criança**. *Revista UFG*, v. 6, n. 2, 2004.
- PARALTA, Bernardo José Antonio. **A determinação da contra-revolução em Guiné-Bissau: um estudo de golpe de Estado de 1980**. 2018.

ROQUE, Sílvia. **Mulheres, nação e lutas no cinema anti/pós-colonial da Guiné-Bissau.** **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 54, 2021.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares (2010). **As Mandjuandadi: cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da Tradição Oral à Literatura.** Belo Horizonte

SILVA, Epifânia Aristides Arlete da. **Desigualdades de gênero na Guiné-Bissau: mulheres na representação política.** 2019.

SILVA, Euclides Gomes da. **Como é ser músico na Guiné-Bissau: trajetória de vida e obra do malgrado músico guineense Patcheco de Gumbé.** 2019.

TÉ, Júlio Antónia Aponto. **Música, mídia e identidade nacional na Guiné-Bissau: da revolução armada à independência,** 2016.